



Nuno Costa Santos

Crónicas do Corpo Santo

A Aprendizagem Insular da Cultura

A 18 de Março de 2014, passaram sete anos da morte de José Medeiros Ferreira. Recordo-o, recordo-lo. Alguns dados essenciais do seu percurso. Após a passagem pelo curso de Filosofia, licenciou-se em Ciências Sociais em Genebra e depois doutorou-se em História Institucional e Política na Universidade Nova de Lisboa. Foi bravo dirigente associativo nas lutas estudantis contra a ditadura de Salazar (nas quais nunca largou uma evidente pronúncia micalense) e expulso de todas as universidades do país. Esteve exilado na Suíça. Após o 25 de Abril de 1974, assumiu a pasta de ministro dos Negócios Estrangeiros, de deputado, professor universitário e historiador. E, claro, assumiu-se como distinto militante socialista, com um interregno para fundar, com outros, o Partido Renovador Democrático.

Mas recuemos para outro período: o dos verdes anos. Para a fase de estudante no Liceu de Ponta Delgada, actual Escola Secundária Antero de Quental. Nesse chão ganhou o gosto por História, graças à influência de um professor, João Bernardo de Oliveira Rodrigues, a quem dedicou o oitavo volume da História de Portugal, em colecção coordenada por José Mattoso.

Tendo nascido em Ponta Delgada a 20 de Fevereiro de 1942, entre 1948 e 1954, viveu em Vila Franca do Campo e foi aí que semeou a curiosidade pelo cinema (“Ainda me lembro de lá ter visto filmes como ‘Terceiro Homem’, o ‘Homem da Torre Eiffel’, ‘A Vida de Berlioz’ e mesmo alguns Charlots que depois me serviriam de inspiração para uma ousada conferência sobre Charlie Chaplin no círculo ‘Antero de Quental’”). Aquando da entrada no Liceu de Ponta Delgada, foi viver para a Fajã de Cima com os avós, conviveu com muitos locais e, quando o liceu encerrava portas, passou a cruzar experiências com muita gente “de fora da cidade” (como se diz em São Miguel).

A dado momento nasceu a vontade de, convocado por Viriato Madeira e Cristóvão de Aguiar, devorar “imensa literatura” numa biblioteca ainda com separação de sexos, de saber o que se passava “lá fora” através da rádio, de ouvir música. E

de discutir ideias, uma das suas aptidões maiores - de debater assuntos filosóficos, políticos, desportivos.

Permitam-me que dê um salto no tempo e conte um episódio pessoal, sobre o qual já alinhei uns parágrafos, acontecimento este revelador da sua maneira de ser. Aconteceu numa altura em que, a dado passo da minha existência lisbonense, me mudei para a zona do Príncipe Real. Cumpria, soube-o depois, um costume seu. Encontrámo-nos na rua e convidou-me para jantar em sua casa. Porquê? Porque era alguém com quem tinha afinidades e decidira ir viver para o seu lugar. Não pude comparecer no dia marcado. Mas fui noutra e, por momentos, convivi com a sua abundante biblioteca. Tirou da estante um livro que guardava um texto chamado “A Aprendizagem Insular da Cultura”. Aí recupera a relevância da sua vivência açoriana para o modo como olhava o mundo e as suas ocorrências. Do seu entendimento da vida insular, feita de isolamento e autonomia. Que, no seu ângulo, traz sempre a necessidade de “ir mais além”, de temperar a tradição com a inovação. De exercer uma curiosidade maior.

Volte-se à sua vocação de anfitrião e acrescentese outra. Nas nossas conversas, nas conversas com os demais, topei que não havia qualquer tipo de paternalismo. Toda a gente que o conheceu reconhece a superioridade da sua ironia sobre tantos assuntos. E a ausência de facciosismos, distanciando-se assim de outras figuras com as quais me cruzei em Lisboa. Os assuntos? Muitos. Uma variedade. Desde objectos artísticos ancestrais até peças de teatro da semana anterior. Aqui e ali, emergia nas suas palavras um certo orgulho açoriano, elevado por um conhecimento rigoroso sobre História e cultura. Revelou esse apego, por exemplo, no filme “Viagem Autônómica”, resumo audiovisual da História dos Açores. Uma das ideias: sublinhou que o regime autonómico deve vir sempre acompanhado da autonomia pessoal.

Após a sua morte por doença, ocorrida pouco tempo depois, tive a honra de receber generoso convite, feito por alguns dos seus bons amigos, para

participar numa sessão de homenagem, realizada na Gulbenkian. Coube-me a tarefa de reanimar a sua condição de *blogger*. O nome do seu espaço internetico chamava-se *Córtex Frontal*. Medeiros Ferreira encontrou nos blogues um território para exercer a sua observação curta, muitas vezes atravessada de um agudo sentido de humor e construída, pois, a partir do seu posicionamento de centro-esquerda. Textos sobre interesses vários. Um deles, sim, o seu Benfica. Revelavam um homem sempre curioso, sintonizado com as possibilidades da internet, embora lamentando não só as intermitências da sua ligação à Zon como a idade adiantada do seu computador. Também revelava, de quando em vez, uma ligação nostálgica ao universo dos jornais e revistas (no sentido físico), aqueles que, já na altura, se iam evaporando. E uma certa crítica ao universo não peneirado da rede.

Vamos a alguns posts. Num, intitulado “Provoações do dia da greve”, desenhado no reinado passista, anota que o dia amanhecera com o lançamento de dois cocktail molotov contra duas repartições de Finanças da periferia de Lisboa. Revela a seguir que os lançadores não voltaram a atacar depois das 8h da manhã. Remata: “Devem ter ficado a ver televisão o resto do dia”. Noutra, observa: “Vamos entrar na era das Assunções. É meio caminho andado para o céu”. Noutra ainda, analisa: “Comecei a ver há minutos as comemorações na AR e já ouvi citar Shakespeare, Kant, Jaspers, Habermas, entre outros. Não é por falta de erudição que estamos onde estamos...”. Ora.

Também comparamos os seus Açores. Num post ressalta alguns acontecimentos culturais de Ponta Delgada. “Credos”, uma peça muito original do grupo de teatro Despe-Te-Que-Suas”, representada na Galeria Arco 8, com encenação de Nelson Cabral”. “Terceiro Dia”, uma exposição de Urbano, na Galeria Fonseca Macedo. Uma instalação, “Uma Casa na Floresta”, da autoria de Maria Emanuel Albergaria. “Uma semana ímpar”, regista. Que é como quem diz: uma contínua e sempre inacabada aprendizagem insular da cultura. Inspiração para todos nós.

Novo festival de cinema nos Açores quer debater e defender os Direitos Humanos

NOMA Azores é como se chama o Festival Internacional de Cinema de Direitos Humanos que vai decorrer no Teatro Micalense, em Ponta Delgada, entre 27 e 31 de Julho.

Trata-se da primeira edição do festival que será composto por uma Competição Internacional de Longas-Metragens, um programa especial de curtas metragens, assim como um ciclo de conversas e masterclasses que pretendem alargar o debate sobre os Direitos Humanos a diferentes áreas da produção audiovisual, avançou em comunicado a organização, a Câmara Municipi-

pal de Ponta Delgada.

Tendo como “fio condutor” a relação com questões de direitos humanos, o NOMA tem aberto até dia 31 de Maio o período de candidaturas para a apresentação de longas metragens a concurso. Serão aceites filmes de produção recente, ainda não estreados comercialmente em Portugal.

O NOMA Azores é promovido pela Câmara Municipal de Ponta Delgada e terá três prémios a concurso: para Melhor-Metragem no valor 2.500 euros, para Melhor Longa Metragem Portuguesa no valor de 1.500 euros

e o Prémio do Público para Melhor Filme no valor de 700 euros. A escolha dos vencedores para os dois primeiros prémios será feita por um júri independente a anunciar e, para o terceiro, pela votação directa dos espectadores do festival.

“Especialmente relevante nos tempos conturbados, a promoção e defesa dos Direitos Humanos deve assumir-se como um compromisso inquebrável do homem e da mulher modernos e das sociedades que ambicionamos construir e a autarquia de Ponta Delgada acredita que a cultura é nossa principal arma para criação



de diálogos e a construção das pontes que nos ligam aos outros”, expressa a organização no mesmo comunicado.